

AS RELAÇÕES DOS GUARANI COM OS ESPAÇOS OCUPADOS E AS “MIGRAÇÕES FORÇADAS” EM TERRITÓRIOS DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS TAQUARI-ANTAS E PARDO

Tuani de Cristo¹

Neli Teresinha Galarce Machado²

Resumo: Os territórios americanos são milenarmente ocupados por sociedades indígenas. Os Guarani eram uma dessas sociedades que viviam no continente e seguindo suas lógicas históricas e culturais ocupavam, movimentavam-se e classificavam os espaços ocupados. Há cerca de 3.000 anos os indígenas Guarani iniciaram sua expansão territorial do norte do Brasil em direção ao sul da América Meridional, chegando aos territórios que atualmente configuram o estado do Rio Grande do Sul, áreas onde exerceram o *ñande reko*. Com a chegada dos europeus e os contatos interétnicos entre ambos os grupos, conflagraram-se alguns conflitos principalmente no que se refere a ocupações territoriais. O objetivo proposto neste trabalho é analisar no século XVII os processos de migrações dos Guarani entre as reduções jesuíticas e tradicionais áreas indígenas localizadas em territórios da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas e Pardo. Em decorrência do avanço da Companhia de Jesus para os territórios dos rios Taquari-Antas e Pardo, realizou-se alianças entre Guarani e jesuítas, e os segundos propunham transferência para outras áreas como, por exemplo, são os casos dos Caciques *Quarae* e *Nae*. E, também houve situações de migrações forçadas envolvendo um Guarani denominado *Tayubai*, gerando conflitos entre indígenas e padres.

Palavras-chave: Guarani. Território. Ñande Reko. Jesuítas. Migração.

1 Acadêmica do Curso de História, Centro Universitário UNIVATES, bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “Arqueologia, História Ambiental e Etnohistória do RS”. E-mail: tuanidecristo@gmail.com

2 Professora Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: ngalarce@univates.br

THE GUARANI RELATIONSHIP WITH THEIR SETTLED SPACES AND THE “FORCED MIGRATIONS” IN THE TERRITORIES OF THE TAQUARI-ANTAS AND PARDO HYDROGRAPHIC BASINS

Abstract: The territories of Americas have been settled by indigenous societies for millennia. The Guarani people was one of these societies that lived in the continent and following their cultural and historic sense, they settled, moved and classified the spaces where they lived. Around 3.000 years ago, the Guarani began their territorial expansion from north Brazil to southern South America, crossing territories that configure the current Brazilian state of Rio Grande do Sul, in areas where they exercised the *ñande reko*. The arrival of Europeans and the following ethnic contact between both groups caused some conflicts concerning territorial occupation. The purpose of this work is to analyze the seventeenth century and the migrations conducted by the Guarani people between the jesuit reductions and traditional indigenous areas located in territories of Pardo and Taquari-Antas hydrographic basins. Following the Society of Jesus’ advance towards the rivers Taquari-Antas and Pardo, alliances were made between Guarani and Jesuits, and the latter proposed moving to other areas, as it was the case of *Ouarae* and *Nae* cacique-chiefs. Some examples of forced migrations also existed comprising a Guarani man called Tayubai, in a case that created some conflicts between priests and Indians.

Keywords: Guarani. Territory. Ñande Reko. Jesuits. Migration.

1 INTRODUÇÃO

A questão indígena tem angariado espaço no meio acadêmico nas últimas décadas. Isso se deve há diversos motivos, como a luta das sociedades indígenas por direitos que lhes foram negados até a Constituição de 1988, o que levou a sociedade brasileira a perceber que estes sujeitos não vão “desaparecer”. A partir disso, os indígenas passaram a lutar pelo direito de ter territórios, de viver conforme a sua cultura, de praticar a sua língua e manter suas tradições.

Neste contexto as universidades brasileiras passaram a ter um olhar mais aguçado para esses coletivos, em busca da compreensão cultural, isso ocorreu com a antropologia, sociologia, arqueologia a mais tempo do que com a história que passou a se dedicar mais à questão nos últimos anos. As pesquisas da área da história, por meio, do olhar indígena é uma consequência da corrente historiográfica, Nova História, que busca estudar a história dos sujeitos, dos grupos marginalizados, isto é, que por longo tempo não tiveram voz na historiografia.

Neste cenário é que a história indígena passou a ser contada também pelos historiadores. É preciso ressaltar que uma das maiores dificuldades da abordagem do passado da história indígena em territórios do Brasil e da América são as fontes, principalmente no que se refere à documentação escrita dos primeiros contatos, já que, os indígenas são sociedades ágrafas, isto é, não são praticantes da escrita. A partir disso, o que resta ao historiador em termos de documentação desses primeiros anos de colonização europeia e contatos entre essas distintas culturas, são

os relatos dos colonizadores, dificultando a busca nestas fontes das historicidades propriamente indígenas.

Entretanto, esse “obstáculo” tem sido vencido pelos historiadores através da etnohistória que se caracteriza por ser uma abordagem interdisciplinar utilizada para analisar fontes e dados sobre as sociedades tradicionais ágrafas, sobretudo cujas informações são registradas por sociedade ocidentais possuidora de documentos escritos. Neste sentido, por meio, das relações entre história, arqueologia e antropologia, no caso dos Guarani pesquisados, o passado desses sujeitos pode ser “reconstruído” de modo que possamos “des-ideologizar” os documentos coloniais (CAVALCANTE, 2011).

Com base nesta Nova História Indígena, a temática proposta tem o intuito de historicizar os indígenas Guarani do século XVII em territórios das Bacias Hidrográficas dos rios Taquari-Antas e Pardo. Justifica-se este enfoque, tanto pela questão indígena estar buscando espaço e adquirindo visibilidade nos espaços acadêmicos, quanto em virtude de a temática migratória encontrar-se em voga no atual cenário global. Como destacam Jubilut e Madureira (2014) a migração é um fenômeno antigo que tem acompanhado a humanidade desde o princípio e que atualmente tem se intensificado, com base nesta afirmação é que buscamos analisar os processos de movimentações dos Guarani no século XVII. Com base nisto, o objetivo proposto neste trabalho é analisar no século XVII os processos de migrações dos Guarani entre as reduções jesuíticas e tradicionais áreas indígenas localizadas em territórios da Bacia Hidrográfica dos rios Taquari-Antas e Pardo.

A metodologia consiste em uma análise descritiva e qualitativa com a utilização da abordagem etnohistórica no tratamento das fontes bibliográficas e documentais no sentido de se perceber historicidades Guarani. Também fazemos uso do paradigma indiciário de Ginzburg (1989) que nos fundamenta na leitura entrelinhas dos documentos, na busca por indícios que para muitos não teriam importância, de modo que possamos buscar a perspectiva indígena dos fatos ocorridos, mesmo que estejamos analisando documentos coloniais produzidos por padres jesuítas a serviço da Coroa Espanhola. Os procedimentos metodológicos, com base em teóricos da cultura e da territorialidade, tais como Brandão (1986), Geertz (1978), Santos (1983), Ladeira (2008) e Seeger e Castro (1979), consiste na análise e interpretação de fontes documentais que são as Cartas Anuas dos Manuscritos de Ângelis que abordam as missões jesuíticas da Província do *Tape* no século XVII e a revisão bibliográfica sobre a temática Guarani.

2 A EXPANSÃO TERRITORIAL GUARANI E A SUA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS PRÓXIMOS AOS RIOS TAQUARI-ANTAS E PARDO

Anterior à chegada dos ibéricos na América, este espaço era ocupado por centenas de sociedades ameríndias. Os Guarani eram um desses coletivos indígenas que viviam no continente e que recorriam as suas próprias lógicas culturais para ocupar, movimentar-se e classificar os territórios ocupados.

Há cerca de 3.000 anos os Guarani iniciaram sua expansão territorial³ do norte do Brasil em direção ao sul da América Meridional, chegando aos territórios que atualmente configuram o estado do Rio Grande do Sul, áreas onde exerceram o *ñande reko*⁴ (NOELLI, 1993). São uma das etnias pertencentes ao Tronco Linguístico Tupi e a Família Linguística Tupi-Guarani (URBAN, [1992] 1998).

Conforme Noelli (1999/2000) pelos dados coletados percebe-se que os Guarani estavam instalados nas Bacias Hidrográficas dos rios do Uruguai e do Jacuí por volta de 2000-1500 AP. Segundo Rogge (2004) é possível dividir a ocupação Guarani nos territórios sul-rio-grandense em duas fases, a primeira teria ocorrido no início da Era Cristã quando esses grupos se estabeleceram em áreas férteis próximas aos rios de grande porte:

[...] partindo do baixo Rio Paraná e adentrando o Estado através do eixo formado pelos Rios Uruguai, Ijuí e Jacuí. Se supõe que o início desse processo, em território sul-rio-grandense, tenha se dado a partir da região noroeste, por volta do início da Era Cristã ou um pouco antes [...] (ROGGE, 2004, p. 72-73).

Em uma segunda expansão dos Guarani se deu, por volta dos séculos IX e XIII:

[...] as populações portadoras dessa tradição cerâmica passam a ocupar as áreas mais férteis dos tributários da margem da esquerda do Jacuí com maior intensidade, ao mesmo tempo em que se dirigem a montante e a jusante do Rio Uruguai, expandem-se ao longo da faixa costeira e ocupam as matas da Serra do Sudeste e alguns locais florestados da costa ocidental da Lagoa dos Patos (ROGGE, 2004, p. 73).

Nestes espaços os Guarani procuravam manter o seu *ñande reko*, isto é, o modo de ser Guarani envolvendo suas práticas culturais e sua organização sócio-política. Neste sentido, destacamos que por cultura entendemos que ela é uma construção histórica das sociedades, caracteriza-se por ser um “[...] produto coletivo da vida humana” onde estão imbricadas as vivências de cada sociedade (SANTOS, 1983, p. 45).

Ainda conforme destaca Santos (1983), cada sociedade possui e atribuem significados próprios para seus elementos culturais. Neste sentido, destacamos que os Guarani organizam suas espacialidades territoriais e sociais através das categorias de *Guará*, *Tekohá* e *Teii*. Na primeira instância dessa organização social e territorial dos Guarani encontra-se o *Teii* que é caracterizado por ser formado pela família extensa, comandada pelo chefe da família, geralmente o homem mais velho e que possui maior prestígio (SOARES, 1997). Ainda conforme Noelli (1993), o *Teii* era

3 Destacamos que estas movimentações dos Guarani precedente a chegada dos europeus não são interpretadas como “migrações” e sim como “expansão”, visto que o primeiro termo caracteriza pode ser compreendida como uma saída definitiva do grupo para outros locais, o que não é o caso dos Guarani que, tendem a retornar para espaços já ocupados (GARLET; SOARES, 2009).

4 “Modo de ser” Guarani.

formado pelas famílias nucleares que geralmente possuíam em média de seis a sete pessoas.

A união sócio-política dos *Tei* formava os *Tekohá*, caracterizados por serem as aldeias (NOELLI, 1993). Conforme Soares (1997) esta categoria pode ser consequência da necessidade dos indígenas Guarani de dar continuidade a sua lógica cultural:

A necessidade de manter e continuar o *ethos* através das relações em nível macroaldeão, como as atividades coletivas e as festividades sócio-religiosas, levariam os grupos a visitarem-se constantemente, e, no caso de fronteiras com os inimigos, os grupos poderiam se unir – **amô amûndá** – aproximamos uns aos outros com as casas, seja para aumentar a coesão social, para servir de sede do **teko'á** ou protegerem-se de inimigos comuns (SOARES, 1997, p. 36, grifos do autor).

Destaca-se que os *Tekohá* possuíam três espaços fundamentais para que os Guarani dessem continuidade ao seu *ñande reko*: a aldeia, a roça e a mata (NOELLI, 1993). Nesta categoria espacial e social, os Guarani realizavam suas relações econômicas, sociais, políticas-religiosas que fundamentam a sua lógica cultural, além disso, “O **teko'á** manifesta-se socialmente como uma rede de parentesco entre povoados e grupos familiares autônomos [...]” (SOARES, 1997, p. 37, grifo do autor). Os *Tekohá* possuíam uma liderança política, o Cacique.

Por fim, os *Tekohá* formam os *Guará*, grandes áreas delimitadas por limites físicos naturais, tais como rios, montanhas e campos. O *Guará* geralmente era comandado por um grande líder político ou espiritual, as áreas de pesca, caça, coleta e agricultura eram de uso exclusivo de seus habitantes, ficando proibida a entrada de estranhos (NOELLI, 1993).

Por meio dessas classificações sociais fundamentadas em categorias espaciais percebemos que os territórios tinham significados fundamentais para que os Guarani pudessem viver seu jeito de ser. O “mundo Guarani” está baseado na utilização dos espaços territoriais e de seus meios de subsistência, como destaca Ladeira (2008, p. 97) “Penso que, para os Guarani, a noção de território está associada à noção de mundo e, portanto, vinculada a um espaço geográfico onde desenvolvem relações que definem um modo de ser, um modo de vida”. A partir destas características precitadas referentes ao *ñande reko* Guarani nos fundamentamos para compreender os processos de contatos interétnicos e consequentes ações dos Guarani frente a algumas “solicitações” dos jesuítas para que eles realizassem transmigrações em seus territórios.

3 RELAÇÕES DE CONTATOS COM JESUÍTAS E MOVIMENTAÇÕES GUARANI EM ÁREAS TERRITORIAIS DOS RIOS TAQUARI-ANTAS E PARDO

Quando os europeus chegaram aos territórios da América, especificamente nos espaços que atualmente configuram-se como o Brasil, a língua Guarani estava em expansão, dominando muitas áreas da América meridional e costa

leste. Conforme Neumann (2005), no Paraguai havia distintas línguas indígenas disputando o território, entretanto para manter relações políticas eles necessitavam falar em Guarani.

No século XVII a Companhia de Jesus passou a adentrar os territórios que atualmente configuram-se pelo Estado do Rio Grande do Sul, penetrando em áreas ocupadas pelas parcialidades indígenas. Neste contexto, procuravam fazer alianças com esses grupos, com o objetivo de fundar reduções jesuíticas nestes espaços e assim catequizá-los. Pode-se destacar que para a Coroa Espanhola o projeto missionário se tornava interessante porque era um mecanismo de realizar uma “conquista espiritual e material” dos Guarani. Sobre isto temos:

A redução era a negação da organização política guarani e apresentava-se com o sentido de reduzir, convencer e levar da vida tribal a uma comunidade cristã [...] O índio reduzido pagava tributo ao monarca espanhol (SANTOS, 2006, p. 106).

Todavia, mesmo que algumas parcialidades Guarani aceitassem fazer parte do projeto missionário, realizando alianças com os padres, salientamos que é possível perceber, por meio da análise das Cartas Anuas que esses sujeitos não deixaram de protagonizar sua história, mesmo que em alguns momentos eles tiveram que ceder a negociações e imposições dos jesuítas. A Companhia de Jesus se estabelece em territórios da província do *Tape* em 1626 com a fundação da redução jesuítica de Nuestra Señora de La Candelaria, em territórios das Bacias Hidrográficas dos rios Ibicuí e Jacuí (BECKER, 1992). Posteriormente foram fundadas nestes espaços as reduções de San Tomás, San José, San Miguel e San Cosme y Damián. Os padres continuaram em busca de mais grupos para catequizar, conseqüentemente adentraram os espaços da Bacia Hidrográfica do rio Jacuí, onde foram fundadas as reduções de Santa Teresa, Santa Ana, San Joaquín, San Cristóbal e Jesus Maria (ver Figura 1).

A partir disto, destacamos que neste trabalho iremos analisar o caso de três lideranças Guarani que vivenciaram contextos de movimentações forçadas por conflitos ou por “sugestões” dos missionários. O primeiro caso analisado é do Cacique *Quarae* e sua parcialidade. Conforme Becker (1992) a redução de Santa Teresa teria sido fundada em territórios próximos ao rio Jacuí, especificamente nos espaços ocupados pela parcialidade liderada por *Quarae*, conforme mapa (ver Figura 1).

Esta redução foi fundada no ano de 1632 e teria ficado estabelecida nos referidos territórios até meados do ano de 1633 quando o padre Francisco Ximenez sugere a essa parcialidade que era necessário transferi-los para outras áreas.

[...] estaba puesta esta reduccion en la entrada de un monte grandioso que llaman los Yndios en su lengua el ybitiru, sitio muy commodo y a proposito para reduccion; pero fue forza dejallo por **outro mas comodo y util para los Yndios** y de mesnos trabajo para los Padres (CARTA, Anua 1633a In: CORTESÃO, 1969, p. 90, grifo nosso).

Conforme é descrito na Carta Ânua (1633a) analisada, Ximenez “sugere” a parcialidade Guarani que seria necessário realizar essa transferência para outros espaços, mas isso não teria sido aceito inicialmente. O Cacique *Quarae* em nome de sua parcialidade teria tentado negociar com Ximenez.

[...] efetue la mudanza del pueblo y aunque estaba rehazia la parcialidade del cazique Quarae por amor de su tierra y por averle dicho que tambien tendria Padres alli, con todo la venci y desengane diziendoles como no avia tantos Padres que pudiessen ir a su tierra (CARTA, Ânua 1633a In: CORTESÃO, 1969, p. 90).

Percebe-se através deste relato de Ximenez que o grupo não desejava deixar a terra onde viviam, como ele mesmo descreve “por amor a su tierra”, neste sentido torna-se claro o que Ladeira (2008) destaca sobre a concepção dos Guarani em relação aos seus territórios. No entender da referida autora, o “mundo Guarani” está fundamentado nos espaços ocupados, onde eles possam realizar as suas organizações sociais e políticas, como os *Tekohá*.

Esta concepção dos Guarani é distinta da lógica territorial dos missionários, pois ela está baseada em aspectos sócio-político-cosmológico da parcialidade, ou seja, está fundamentada no *ñande reko* Guarani, isto é, no “modo de ser”. Para as sociedades indígenas, no geral, os territórios possuem uma importância simbólica, não sendo importante apenas os recursos para a subsistência (SEEGER; CASTRO, 1979).

O significado que o território possui para os Guarani e para os europeus, representados neste caso pelos jesuítas, torna-se visível no trecho da Carta Ânua (1633a, p. 90), em que Ximenez descreve que a transferência da redução seria, “[...] mas comodo y util para los yndios [...]”. Em que sentido seria melhor para eles, se na mesma Carta ele descreve que a parcialidade não desejava e tentou impedir a transferência de territórios? Fica evidente que na realidade a mudança de espaço beneficiaria os missionários, pois o território se tornaria mais acessível, além de estarem mais próximos das demais reduções localizadas à margem direita do rio Jacuí.

Apesar da tentativa do Cacique *Quarae* de tentar permanecer nestes territórios ele e sua parcialidade aceitaram, após “pressão” de Ximenez (ver figura 1), fazer a transferência: “[...] com esto fueron volando y se dieron tan buena mana a hazer sus casas que antes que yo viniessse las tenian casi acabadas, con que queda ya aquello en forma de pueblo” (CARTA, Ânua 1633a In: CORTESÃO, 1969, p. 90).

O segundo caso analisado no presente estudo é o da parcialidade Guarani liderada pelo Cacique *Naae*. No ano de 1635 o padre Ximenez adentrou os territórios dos rios *Mbocarroi* (Guaporé), *Tebiquari* (Taquari) e *Mboapari* (Antas) para realizar o reconhecimento destes espaços e ver a possibilidade de realizar alianças com os Guarani que lá estavam estabelecidos (CARTA, Ânua 1635a In: CORTESÃO, 1969).

Ximenez destaca que nesse seu reconhecimento de territórios, encontrou vários Guarani interessados em realizar alianças com a Companhia de Jesus,

inclusive interessando-se em fundar uma redução nestes territórios. O missionário destaca que “[...] ai por reduzir seran como dos mil índios, y sus tierras fueron a proposito desta vez me parece los dexara reduzidos en 3 puestos. Capiyí, Yuyisti [...] y em la boca del Mboapari [...]” (CARTA Ânua 1635a In: CORTESÃO, 1969, p. 97). Salienta o padre que entre esses dois mil indígenas, havia um grande número de interessados em fundar uma redução nestes espaços.

Contudo, assim como no caso da parcialidade do Cacique *Quarae*, Ximenez ao realizar o reconhecimento destes territórios compreendeu que esse não era um ambiente propício para fundar uma redução: “[...] pero no nos esta a cuento porq la tierra es fragossissima, sus caminos infernales, no ai campo donde tener 4 bacas [...]” (CARTA Ânua 1635a In: CORTESÃO, 1969, p. 97). A partir dessa constatação, o missionário se dirige ao Cacique geral desses territórios, o *Nae* para tentar convencê-lo a se transferir com sua parcialidade para outros espaços mais acessíveis a Companhia de Jesus (ver figura 1).

Entre el Tequijiy y Mboapari sobre el Tebiquari, y los montes a dentro, donde es cacique principal Nae, a quien embie a hablar a Vossa Reverencia al Piratini [...] ai mucha gente, y estaban, en q les avia de levantar a Cruz. Yo les propuse las difficultades q avia, y que si querian tener Padres saliesen desta parte del monte [...] (CARTA Ânua 1635a In: CORTESÃO, 1969, p. 98).

O Cacique *Nae* e sua parcialidade não aceitaram a transferência de territórios e, por fim, *Nae* não foi ao Piratini para negociar com o superior de Ximenez. Novamente é possível perceber que para os Guarani a migração para outros territórios - por motivos que não estivessem fundamentados na sua lógica cultural do *ñande reko*, como significados simbólicos e até mesmo por necessidades de subsistência – não era aceita com facilidade.

A lógica territorial dos missionários está fundamentada em um interesse econômico, isto é, fundar as reduções em espaços onde pudessem estar produzindo para se autossustentarem e realizarem intercâmbios com as demais reduções. A partir dos contatos entre indígenas e europeus, a lógica de movimentação desses grupos baseada em suas necessidades e memória, teve que ser ressignificada por pressão da sociedade ocidental (LADEIRA, 2008). Esta pressão e ressignificações já se tornam perceptíveis nestes primeiros contatos, relatados pelos missionários nas Cartas Ânua.

Como destacado anteriormente, tanto as parcialidades dos Cacique *Quarae* e do *Nae* não desejavam se transferir de seus tradicionais territórios para espaços determinados pelos jesuítas, entretanto temos dois desfechos diferentes: *Quarae* aceita migrar para o espaço escolhido por Ximenez e *Nae* refuta a ideia. Para tentarmos compreendermos estas distintas situações, nos fundamentamos em Geertz (1978) que destaca que o comportamento humano não é algo padronizado, mas que adquire significados simbólicos conforme as situações vivenciadas. Neste sentido, destacamos que apesar das semelhanças os contextos são diferentes, pois *Quarae* já tinha uma aliança com os jesuítas que perdurava por mais de um ano e naquele instante apesar de sua relutância, foi mais interessante para a sua parcialidade

continuar fazendo parte da redução. Já no caso de *Nae*, sua parcialidade não possuía alianças com os jesuítas, portanto não era interessante ter que sair de seus territórios para satisfazer os padres, com quem eles estavam entrando em contato pela primeira vez.

Salienta-se que as parcialidades Guarani estavam constituídas de sujeitos históricos, portanto suas ações eram construídas com base nas situações vivenciadas. Com base nisto, estes Guarani, assim como os missionários, também objetivavam obter vantagens com as alianças realizadas. Ou seja, como destaca Garcia (2007), as Coroas Ibéricas tinham interesses de implantar os seus projetos coloniais, como a catequização das etnias indígenas, por meio, da Companhia de Jesus, mas é preciso relativizar o que a historiografia tradicional se acostumou a contar, isto é, que os colonizadores impuseram essas políticas indigenistas e os índios simplesmente aceitaram. A despeito disso:

Desta forma, a questão a ser evidenciada é a relação estabelecida entre as tentativas de implantação destas políticas e as relações de apropriações dos índios a estas, **pois se tratou de um diálogo e não de um monólogo** (GARCIA, 2007, p. 22, grifo nosso).

Com base nisto, compreendemos que *Quarae*, *Nae* e *Tayubai* foram protagonistas de suas histórias, também buscando ter sucesso com as alianças ou guerras com os missionários. Entretanto, deixamos claro que não ignoramos os processos impactantes e violentos que essas sociedades indígenas sofreram por parte dos colonizadores, mas com base na Nova História Indígena, faz-se necessário refutar que as populações indígenas foram “aculturadas” e que simplesmente aceitaram as imposições coloniais.

Por fim, o último caso analisado neste estudo está relacionado a uma “migração forçada” por consequência de conflitos entre um Guarani, cujo nome é *Tayubai* e o padre Cristóval de Mendonza. Conforme Carta Anua de 1635b, o padre Cristóval de Mendonza teria dado início ao reconhecimento dos territórios e grupos localizados na província do *Ibiaçá*, com o objetivo de realizar alianças com lideranças Guarani para uma possível expansão da Companhia de Jesus para estes espaços.

Mendonza teria iniciado a sua caminhada seguindo o curso do rio *Igaí*, chegando ao *Ibiá* e posteriormente ao *Caaguá*, onde teria encontrado alguns grupos indígenas dispostos a receber o evangelho e a fundação de reduções em seus territórios. Todavia o padre teria resistido, visto que, os espaços não eram propícios para receber uma redução jesuítica.

Após esses primeiros contatos, o missionário se dirigiu para o *Ibiá*⁵, onde teria avistado um indígena, denominado *Tayubai* que, conforme Becker (1992) havia frequentado a redução de San Miguel, mas que após alguns desentendimentos com o próprio Mendonza, fugiu do local. Segundo o padre Mola (que descreveu o fato para

5 Territórios entre os rios do Caí e Antas.

o padre Ximenez), esse rapaz *Tayubai* após ter fugido se juntou com “feiticeiros”⁶ e outros Caciques do *Ibiá* (ver figura 1), tais como *Tayabaiba* (liderança espiritual), *Guinpi*, *Nanduai*, *Tabaçaca*, *Yapepoyaca* (Caciques), estes convenceram ao povo do *Ibiá* que a presença do padre Mendoza nestes territórios não era algo positivo, em vista disso, deveriam matá-lo (CARTA, ânuia de 1635b In: CORTESÃO, 1969).

Ximenez ressalta ainda que, os territórios do *Ibiá* eram formados por penhascos e caminhos de difícil acesso, portanto uma área propícia para realizar uma cilada. O padre foi cercado por um grupo que lhe proferiam boas palavras, fazendo com que ele sentisse que seria bem-vindo nesta área, todavia o grupo o atacou.

Los q le acompañaban se defendieron, y mataron dos o três de los enemigos, y estos a um alcalde infiel, q acompañaba al P.^o sintió mucho su muerte y por q no sucediese outro tanto com outro, trato de baptizar los infieles y pidió agua para hazerlo, mas no dandole lugar la multitud de los enemigos q los iban cercando, dixo que se huyessen todos los infieles y q los Xpnos hiziessen rostro, y el mismo P.^o começo a escamurajar com el Cavallo deteniendo los enemigos para dar lugar a q sus hijos se salvassen [...] (CARTA, ânuia de 1635a In: CORTESÃO, 1969, p. 102).

Enquanto o padre tentava proteger os indígenas que o acompanhavam, mais inimigos chegaram e começaram a atacá-los, flechando até que ele ficasse desacordado. Conforme é descrito o grupo desejava queimá-lo, contudo decidiram realizar essa tarefa somente no dia seguinte, deste modo, deixaram o corpo no local.

Entretanto, o padre não havia falecido e, ao retornar ao local os índios o descobriram vivo, assim decidiram espancá-lo, cortando partes de seu corpo, nariz, orelhas etc. Os índios pretendiam queimá-lo, mas como a lenha ou estava molhada ou Deus não permitia através de algum outro empecilho, jogaram-no em um arroio, já os rapazes que o acompanhavam serviram de comida em uma festa que os infieis fizeram (CARTA, ânuia de 1635b In: CORTESÃO, 1969).

Os indígenas e os padres da redução de Jesús Maria ao saber da notícia, reuniram cerca de 1600 homens para ir em busca do corpo, destacando que os padres solicitaram que eles não entrassem em conflito com os inimigos, todavia isto não foi possível, visto que, conforme relataram os indígenas reduzidos, os infieis o provocaram.

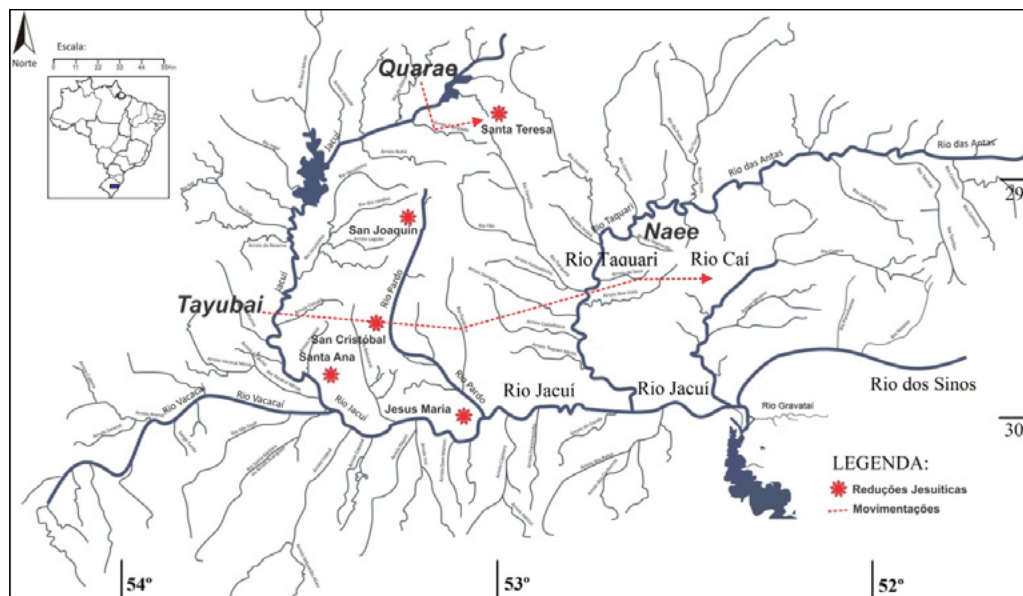
Com esto los índios de nuestras reducciones dieron sobre ellos y mataron algunos y cautivaron otros y fue esto martes, 15 de mayo. El día siguiente llegaron donde estava el cuerpo. Y los enemigos procuraron segunda vez impedirles el traerle viniendo em mayor numero, q el día antecedente sobre los nuestros, mas fueron outra vez puestos em huida com muerte de muchos, y entre ellos casi todos los q inmediatamente pusieron las manos em el padre al principal autor desta traxedia, q fue aquel índio q arriba dixee huido de

6 “Lideranças espirituais indígenas”. Para os missionários estas lideranças espirituais indígenas, não só os Guarani, eram considerados “feiticeiros”, pois para eles, estes se utilizavam de mentiras para enganar os demais indígenas.

la reduccion de S. Miguel cogio el capitan de misma reduccion llamado Guaimicaru, y llevandole al lugar donde el padre accia muerto [...] (CARTA, ânuva de 1635a In: CORTESÃO, 1969, p. 103).

Ao pegar o corpo se dirigiram a redução de Jesus Maria, onde chegaram em 20 de maio, mas não sem sofrer um terceiro ataque dos inimigos. O padre termina descrevendo que enterraram o corpo em Jesús Maria, onde muitos indígenas estavam presentes e com profundo lamentar pelo padre Mendonza.

Figura 1 – Mapa demonstrando os possíveis territórios e movimentações das parcialidades Guarani lideradas pelo Cacique *Quarae*, *Nae* e de *Tayubai*



Fonte: Elaboração do autor a partir do software I3GEO. Disponível em: <<http://enola.procergs.com.br/i3geo/aplicmap/geral.htm?m2c66daoa26om3829hr615am01>>.

Ao analisarmos a situação ocorrida é possível perceber que o grupo que atacou o padre Mendonza declarou guerra aos jesuítas, pois não desejavam que a Companhia de Jesus continuasse se expandindo para os seus territórios. A presença de *Tayubai* no ataque demonstra que os ensinamentos dos padres não eram aceitos por todos os indígenas reduzidos, pelo contrário, muitos ao longo do processo de catequização desentendiam-se com os ensinamentos e imposições dos missionários, contrárias ao *ñande rekõ* Guarani e guajiam.

O sujeito é uma construção da sociedade onde vive, por meio, da educação o coletivo se impõe ao indivíduo, moldando a sua identidade, podemos concluir que esse sujeito/pessoa é uma expressão individualizada da estrutura de símbolos do mundo social onde vive, na medida em que, é ele quem carrega os aspectos culturais deste grupo e que lhe foi ensinado ao longo de sua vida (BRANDÃO, 1986). Fundamentados no que afirma o referido autor, compreendemos que a atitude

de *Tayubai* está relacionada com o *ñande rekõ* Guarani, ou seja, alguma imposição de Mendonza poderia ter sido contestada por *Tayubai* ou vice-versa, gerando o desentendimento e a conseqüente “fuga” do indígena para outros territórios.

Se atualmente vivenciamos vários fluxos de migrações forçadas por conflitos internos em diversos países do Oriente, no passado não foi diferente. É o que tentamos demonstrar com o a situação analisada referente ao *Tayubai* e Mendonza. Claro que a situação de *Tayubai* é distinta porque não há as restrições entre países que existem na atualidade, isto é, a liberdade de movimentação era maior do que a que os imigrantes vivenciam hoje.

A presença dos não-índios em territórios Guarani se deu desde o início da colonização europeia e perduram até a atualidade, neste sentido em decorrência do intenso contato interétnico, as populações indígenas no geral tiveram que ressignificar a sua interpretação territorial. Com os Guarani, este processo não foi diferente, conforme Assis e Garlet (2009) que trabalham com os Mbyá-Guarani do século XIX e XX a partir da diminuição dos territórios, a lógica das unidades político-religiosa-econômicas regionais sofreu modificações, se antes a base da organização social eram as alianças entre várias unidades locais (*Tekohã*), atualmente a base central é a família extensa (*Teiã*). Compreendemos que esta ressignificação territorial teve início desde os contatos dos Guarani com os jesuítas no século XVII, mesmo que algumas parcialidades inicialmente tenham tentado se manter distantes dos europeus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salienta-se que os Guarani possuíam uma lógica territorial distinta das concepções europeias, o que gerava alguns conflitos culturais, em que ambos os grupos tentavam defender a sua própria lógica cultural. Neste contexto de contatos interétnicos e encontros e desencontros culturais, os jesuítas tentaram impor a lógica territorial dos europeus, o que em várias situações foi refutada pelos Guarani.

No presente estudo pudemos analisar as situações das parcialidades lideradas pelos Caciques *Quarae* e *Nae*, em que ficou explícito que a saída de seus tradicionais territórios não era algo tão “simples” como os missionários entendiam. E mesmo no caso de *Tayubai* tivemos uma situação clara de “migração forçada”, na medida, em que, a sua transferência para os territórios do *Ibiá* ocorreu em decorrência do conflito com o padre Mendonza.

Deste modo, este trabalho pode destacar que ao contrário do que a historiografia tradicional demonstrou por um longo tempo, os Guarani não deixaram de protagonizar as suas decisões, mesmo aquelas parcialidades que se aliaram a Companhia de Jesus, o fizeram porque eles acharam pertinentes naquele momento e não porque a Coroa Espanhola assim desejava.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Ítala Irene Basile. Lideranças Indígenas: no começo das reduções jesuíticas da província do Paraguai. **Documento. Antropologia** 47. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1992.
- BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **Identidade e Etnia: A Construção da Pessoa e A Resistência Cultural**. SAO PAULO: BRASILIENSE, 1986.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa**. História (São Paulo) v.30, n.1, p. 349-371, jan/jun 2011.
- CARTA, Ânua de 1633a. Reduccion de Santa Teresa. In: CORTESÃO, Jaime (Ed). **Manuscritos da coleção de Angelis (jesuítas e bandeirantes...)**. v. III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 90-94.
- CARTA, Ânua de 1635a. Carta do padre Francisco Ximenes para um superior, dando-lhe conta de uma entrada ao Rio Tebicuari. In: CORTESÃO, Jaime (Ed). **Manuscritos da coleção de Angelis (jesuítas e bandeirantes...)**. v. III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 96-100.
- CARTA, Ânua de 1635b. Relação do martírio e morte do Padre Cristóval de Mendoza a 26 de abril de 1635 regida pelo padre Francisco Ximenez. In: CORTESÃO, J. (ed). **Manuscritos da coleção de Angelis (jesuítas e bandeirantes...)**. v. III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. p. 101-104.
- CORTESÃO, Jaime (Org.). **Jesuítas e bandeirantes no Tape (1615-1641)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.
- GARCIA, Elisa Frühauf. **As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no Extremos Sul da América Portuguesa**. 320f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói: 2007.
- GARLET, Ivori José; ASSIS, Valéria Soares de. **Desterritorialização e reterritorialização: a compreensão do território e da mobilidade Mbyá-Guarani através das fontes históricas**. Fronteiras (Campo Grande), v. 11, p. 15-56, 2009.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JUBILUT, Liliana Lyrá; MADUREIRA, André de Lima. Os desafios de proteção aos refugiados e migrantes forçados no marco de Cartagena + 30. **Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**. Brasília, n. 43, p. 11-33, 2014.
- LADEIRA, Maria Inês. Yvy Rupa, onde se assenta o mundo ou território, espaço geográfico do mundo. In: _____. **Espaço geográfico Guarani-M'bya**. São Paulo: EdUSP, 2008. p. 79-127.

NEUMANN, Eduardo Santos. **Práticas letradas Guarani:** produção e usos da escrita indígena (séculos XVII e XVIII). 2005. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 381 f. 2005.

NOELLI, Francisco da Silva. **Sem Tekohá não há Tekó:** Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação e uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí-RS. 381 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 1993.

_____. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas (1872-2000). **Revista USP**, v. 44, n. 2, p. 218-269, 1999/2000.

ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de fronteira:** um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. 241 f. Tese (Doutorado) – Curso Doutorado em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2004.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTOS, Júlio. Ricardo. Quevedo. As Missões Jesuítico-guaranis. In: Nelson Boeira; Tau Golin; Ieda Gutfreind; Heloisa Reichel. (Org.). **História Geral do Rio Grande do Sul: colônia.** 1ed. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 1, p. 103-133.

SEEGER, Anthony; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Terras e territórios indígenas no Brasil. **Revista Civilização Brasileira**, v. 12, n.1-2, p. 101-114, 1979.

SOARES, André Luis Ramos. **Guarani:** organização social e arqueologia. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

URBAN, Greg. A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: **História dos índios do Brasil.** Manuela Carneiro da Cunha (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, [1992], 1998, p. 87-102.